

## **Entrevista com François Hartog\***

Não sei se a palavra entrevista é a melhor para definir o encontro com o professor François Hartog, pois o tom e a dinâmica da conversa ocorrida na manhã de 15 de outubro de 1999 mais lembraram com uma mesa redonda em que a participação de todos os presentes foi fundamental para o resultado aqui apresentado, ou seja, uma discussão em que se tratou de problemas relativos ao conteúdo da História Antiga, metodologia, poesia e assuntos afins. Participaram da discussão os seguintes professores do Departamento de História da FAFICH, José Antônio Dabdab Trabulsi, que gentilmente fez a tradução simultânea e a revisão da entrevista, Regina Horta Duarte, Francisco Vinhosa, e o professor do Departamento de Letras Clássicas da FALE, Teodoro Rennó Assunção. Participaram ainda, Cynthia Prates e na transcrição e redação, Flávio Marcus da Silva e Heloísa Greco. O resultado é apresentado aos leitores com um atraso imperdoável devido à indisponibilidade de verbas para a efetivação do projeto de criação da revista *Futuro do Passado* elaborado pelos alunos de pós-graduação em História da UFMG. A entrevista contou com o apoio técnico do Departamento de Letras Clássicas. Agradeço a valiosa contribuição de todos e de maneira especial ao professor François Hartog pela atenção e contribuição para o enriquecimento da discussão acadêmica respondendo às questões com extremado cuidado.

Sonila Morelo

---

\* Professor vinculado ao CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), França.

Sonila Morelo: É com muito prazer que recebemos o lançamento de seu livro, *O espelho de Heródoto*<sup>1</sup>, agora, traduzido para o português, disponível a um público mais amplo no Brasil. Seu livro tornou-se uma referência obrigatória a todos que se interessam pela obra de Heródoto e aos estudiosos da Grécia Antiga. Como surgiu seu interesse pelo historiador Heródoto?

François Hartog: Eu diria que o meu interesse por Heródoto tem, pelo menos, duas razões: a primeira é que o momento em que eu comecei a falar de Heródoto (o que já vem de longa data), era aquele em que, no domínio da História — não somente da História Antiga, mas da História — começaram a ser colocadas questões sobre a relação entre a História e a Antropologia. Havia debates em torno do que começou a ser chamado Antropologia Histórica. Ler Heródoto, nessa perspectiva, era também refletir sobre o que podia ser a Antropologia histórica, sobre as relações entre a Antropologia e a História, sendo esta uma forma de questionar o próprio Heródoto com uma espécie de deslocamento em relação à maneira mais corrente de lê-lo, que consistia, entre os historiadores especialistas em História Antiga, em lê-lo a partir de Tucídides. E ler Heródoto a partir de Tucídides significava lê-lo como um estado da História mais primitivo em relação a Tucídides, sendo este último a referência. Falava-se que Heródoto era muito ingênuo, crédulo, que ele não estava completamente livre do mito; enfim, lia-se Heródoto a partir de todos esses tipos de questões, de todos esses tipos de julgamentos.

Havia ainda outro elemento: era o momento do projeto do programa de LeGoff, a Antropologia histórica, como o fazia Jean-Pierre Vernant, e, também, era o momento do estruturalismo. Propunha-se nessa época certo número de leituras estruturais, sobretudo

---

<sup>1</sup> HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de

uma leitura estrutural do mito, uma leitura estrutural da tragédia, como, por exemplo, os trabalhos de Pierre Vidal-Naquet. E nessa abordagem estrutural havia evidentemente alguma coisa que nos interessava, que nos parecia portadora de certa inteligibilidade nova; mas também, algumas coisas que eram um pouco problemáticas. No fundo, a questão problemática era a colocação entre parênteses do caráter narrativo da obra, e o tratamento que podia ser o mesmo dado a uma obra literária, a fragmentos de autores, materiais completamente heterogêneos. Para mim, refletir sobre a análise estrutural a partir de um texto como o de Heródoto era dar lugar ao que, aliás, tinha sido proposto na época em torno da enunciação, o modo de intervenção do narrador no seu discurso. No fundo, foi essa dimensão da enunciação que guiou a minha leitura de Heródoto.

E a última razão é que eu gosto muito de ler Heródoto.

Cynthia Prates: O Sr. diz em *O Espelho de Heródoto*, que Heródoto só se transformou em historiador no século XX. Há um artigo que eu li de Nicole Loraux que diz que Tucídides não é um ‘colega’. Será que nós podemos considerar Heródoto e Tucídides historiadores?

François Hartog: Você coloca uma questão um pouco acadêmica, saber se eles são ou não são historiadores. No que se refere ao primeiro ponto, em Heródoto existe a oralidade, a utilização do oral. Eu creio que Heródoto, no fundo, utiliza tudo, o que ele vê e o que ele escuta; para Heródoto, eu creio, é fazer enquete, o que para ele quer dizer ir ver no lugar do ocorrido, e uma vez lá, recolher testemunhos orais. *Istorien*, eu não creio que

seja para Heródoto exclusivamente a dimensão visual da autópsia. Há vários exemplos disso, principalmente no livro II.

Teodoro Rennó: *Enquete* é uma boa tradução para *historíen* ?

François Hartog: Pelo menos é essa a tradução mais corrente. Eu não penso dessa maneira. *Enquete* tomou, na acepção moderna, um sentido que é muito preciso, que enfatiza o aspecto “ir ver”, o testemunho ocular, o que é exclusivo demais. A abordagem de Heródoto era mais do que isso. Eu creio, cada vez mais, que *historíen*, historiar, é a “palavra- encruzilhada” (*mot-carrefour*). Existe um conjunto de registros de significações e não há como excluir nenhum deles. No fundo, o que interessa na verdade é o lado provavelmente vago dessa palavra, e é isso que faz o sucesso dela. Cada um é capaz de utilizá-la à sua maneira e compreendê-la privilegiando um registro ou outro. Sobre a relação entre a epopéia e a História, nos parece que *historíen* é também, no fundo, o que Heródoto encontra como substituto a uma posição que não podia ser a sua, que é aquela do poeta inspirado pela musa. A musa é aquela que tudo vê, que tudo sabe, justamente por que ela está sempre lá, ela está sempre presente. O historiador deve encontrar um meio que permita a ele ter essa visão, esse conhecimento que não lhe é mais dado do alto, em substituição à onisciência da musa.

Teodoro Rennó: Um outro pequeno parêntese. Marcel Detienne, por exemplo, propõe em algum lugar essa idéia da musa, substantivo comum, como palavra cantada ou ritmada. O Sr. acredita que esse deslocamento de posição em relação ao poeta épico, essa

outra relação, está também presente na escolha do gênero, a prosa, porque justamente aí não temos mais uma palavra ritmada por um metro?

François Hartog: Eu creio que em *historien* há também esse elemento de resposta a uma situação diferente, já que as condições de pronúncia da palavra épica não se encontram mais lá, e por isso é preciso encontrar outra coisa. No que se refere às fontes orais hoje, vimos, de fato, nos anos 60 e 70 desse século, desenvolver-se a História Oral - várias Histórias Oraais. Há inicialmente a inglesa, que tem dimensão de contra-história, porque a palavra é dada àqueles que não têm a palavra, portanto, uma história militante. Vimos nos outros países, sobretudo na França, se desenvolver a História Oral como a descoberta de um novo campo, ainda em relação com os trabalhos dos antropólogos sobre a oralidade, mas também com as enquetes dos sociólogos; e esse desenvolvimento, como eu falei anteriormente do livro de Philippe Joutard — essas vozes que nos vêm do passado — é bem a idéia de recolher no gravador as próprias vozes da testemunha. O que fez com que de repente todas essas pessoas se precipitassem a fazer enquetes orais foi um sentimento de certa urgência: os anos 60 representam o momento em que temos a idéia de que todo um mundo está prestes a desaparecer, especialmente o mundo industrial. É o momento em que as indústrias siderúrgicas e mineradoras estão fechando. É também o início dessa grande onda da Memória. Isso certamente mudou as condições de trabalho dos historiadores, pelo menos dos historiadores de História contemporânea, já que até então esta História científica estava fundada sobre a idéia de que era preciso partir de um corte entre passado e presente, e que a História só podia começar quando o período tivesse passado completamente. Toda essa História Oral colocava radicalmente em causa, no seu próprio princípio, esse corte. E no seu entusiasmo, ela incorreu em muitas ingenuidades. Os historiadores, que não tinham

nenhuma formação nesse tipo de enquete, levaram algum tempo para compreender que uma situação de entrevista tinha suas próprias regras, sua própria dinâmica e que, justamente, o testemunho não era um documento puro e simples. Eu creio que, para Heródoto se informar, a utilização de todos os meios que estavam à sua disposição, no fundo, não representava um problema epistemológico fundamental. Para ele, não importava se se acreditava ou não. No ato de recolher um elemento, de uma maneira ou de outra, não havia diferenças de princípio. É só Tucídides que vai dizer que a única maneira de fazer História científica era se fundar sobre a autópsia. O que tem por consequência lógica que a única História factível era a História contemporânea. Hoje, a partir dos anos 60, o desenvolvimento da História Oral, em um primeiro momento, pareceu ser uma contra-história, seja uma História do povo, se quisermos, seja um campo novo, um novo território. E talvez, agora, estejamos em uma terceira fase, que teria entrado no domínio das práticas habituais (*moeurs*), e também uma tendência a certo movimento dos historiadores em direção aos seus métodos, às regras do ofício, como se eles tivessem medo de que essas testemunhas, no fundo, tomassem a palavra e a confiscassem, anulando, assim, o papel do historiador.

Sonila Morelo: O fato de Heródoto utilizar, basicamente, a memória oral na construção de suas *Histórias* gerou, inicialmente, desconfianças e polêmicas sobre a credibilidade da obra desse historiador. Estou me referindo mais especificamente ao fato de Heródoto dar espaço na sua narrativa às vozes, aos seus testemunhos, mesmo não acreditando neles. O Sr. acha que isso constitui falta de critério, descompromisso, falta de crítica, de seleção desses testemunhos? Hoje a memória oral tem sido amplamente utilizada

como fonte nos meios acadêmicos. Em relação à História, como o Sr. avalia essa mudança de identificação e abordagem sobre o que constitui um documento?

François Hartog: Eu creio, de início, que essa idéia de resgatar os relatos (*lógoi*) é algo que define esse novo modo narrativo que começa a ser chamado de História com Heródoto. Se nos referimos à epopéia, a musa fala e o poeta canta, e essa musa é omnisciente, ela sabe tudo. Quando não temos mais essa instância do discurso, essa instância narrativa, a tarefa do pesquisador (enqueteur) será a de relatar os discursos múltiplos que são murmurados aqui e ali. No caso da epopéia, teríamos uma via única, uma estrutura única, e o que caracterizaria, talvez, o discurso historiográfico seria esse aspecto, essa estrutura dupla, o pesquisador e os *logoi*. O seu próprio discurso faz a junção, a tecedura entre esses *lógoi* (discursos) e sua própria maneira de articulá-los, de ordená-los. Nesses discursos o pesquisador pode estabelecer uma hierarquia, por exemplo, em função da verossimilhança. Ele pode classificá-los também em função do seu número; é importante para ele dizer que podem não ter sido dadas todas as versões, mas que ele conhece várias de um mesmo evento, de uma mesma história. Isso faz parte de seu estatuto intelectual, o fato de poder dizer que conhece uma, duas, até mesmo quatro versões do fato. Eu penso que há aí alguma coisa de justo; mas é algo que alguns não compreendem achando que deve haver uma versão autorizada. Para estes, os historiadores gregos são todos mentirosos. Há toda uma série, um empilhamento de *lógoi*. Alguns se reportam a uma pessoa específica, outros aos persas, aos sábios persas, outros ainda simplesmente dizem os detalhes. A tarefa do historiador é abrir espaço para todos esses *logoi*. Os *logoi* podem, eles mesmos, conter elementos de informação que repousam no fato de se ter visto alguma coisa, mas eles só se tornam discurso a partir do momento em que o historiador os exprime.

Sonila Morelo: Qual é a relação entre o tempo particular e o tempo coletivo quando trabalhamos com um documento produzido pela memória oral?

François Hartog: Essa é uma questão difícil. Eu creio que nós estamos justamente em um momento em que essa importância da testemunha no espaço público e das testemunhas particulares, que são os sobreviventes do extermínio, da *Shoah* (holocausto), faz quase desaparecer o que você chama de tempo coletivo. Estamos em um momento em que o que é válido, o que é procurado, é a singularidade quase incomunicável de uma experiência terrível. Em um momento, percebe-se, através de outros signos, outros indícios, que há uma espécie de explosão do coletivo, dessa noção, no fundo difícil de manejar, que é a memória coletiva. Já que são testemunhos que podem mesmo, do ponto de vista histórico, serem falsos — e sabemos que boa parte desses testemunhos são historicamente falsos —; mas não está aí a questão importante. O que é importante é o fato de podermos recolher esses testemunhos. Como se nós nos esquecêssemos, justamente, que a memória tem alguma coisa de mutável — o que você disse há quinze anos em certo contexto, você diria de maneira diferente cinco anos mais tarde, em outro contexto, e de maneira diferente ainda cinco anos depois — e, no fundo, nós queríamos praticamente fazer desses testemunhos, testemunhos para sempre, os quais pudéssemos quase que embalsamar.

Com relação à biografia, podemos dizer que ela se encontra dotada de uma qualidade, de um privilégio considerável. É, evidentemente, o caso de se estabelecer uma relação com o que podemos chamar, em História, a presença, o reconhecimento do ator em História. É a mesma problemática da sociologia sobre o ator social. O que não quer dizer que o indivíduo faz o que quer, mas, pelo menos nessa virada pragmática em direção à



história biográfica, o indivíduo não cria as regras, nem é seu mestre, tendo, contudo, certa elasticidade para aplicar, não aplicar, ou transformar essas regras. Dito de outra forma, a distinção entre particular e coletivo não funciona mais dessa forma, porque há coletivo no particular e particular no coletivo.

Sonila Morelo: As contribuições de Heródoto para a História, a Antropologia, a Geografia e para outros domínios do saber são realmente significativas? Para o Sr. há uma contribuição primordial? E porquê?

François Hartog: Eu não colocaria a questão dessa forma, no sentido de considerar as ditas contribuições à História, à Antropologia, à Geografia, ou quaisquer outras, como se tivéssemos, na época de Heródoto, disciplinas bem constituídas. Isso seria projetar nossas categorias disciplinares sobre a obra de Heródoto. Na sua maneira de trabalhar (de Heródoto), não há a História, a Antropologia, a Geografia, nem tampouco uma contribuição à; o que existe é essa atividade que se chama *historien*, que é a principal, mas não é a única. Eu penso também em uma outra, que se evidencia num registro um pouco diferente, que é outra maneira de fazer ver o que não se vê, o que não foi visto. Podemos inverter a questão: como as diversas disciplinas se apropriaram de Heródoto? Nesse sentido, Heródoto foi considerado o pai da História, mas de imediato se colocava certa distância, porque desde muito cedo, a partir de Cícero, mesmo antes, a partir de Aristóteles, dizia-se que esse pai contava muitas fábulas. Tentava-se interrogar essa união estranha daquele que era ao mesmo tempo pai da História e mentiroso.

A Antropologia, a partir sobretudo do século XVI — uma Antropologia que não existia ainda como tal — com as viagens de descoberta, os relatos de viagem que as

seguiram, pôde considerar Heródoto como uma espécie de ancestral da observação antropológica. Para a Geografia há um exemplo interessante: existe uma revista de Geografia que foi criada nos anos 80 que se chama 'Heródoto'. É curioso o fato de terem escolhido esse nome, porque era uma revista — que existe ainda hoje — que tinha a pretensão de ser uma revista crítica em relação à Geografia, desse uso da Geografia pelos poderes — o fato de a Geografia ser colocada ao serviço do poder político. Para essa revista, a Geografia servia para fazer a guerra. Eu escrevi ao seu diretor para perguntar o que o Heródoto estava fazendo lá. Isso não quer dizer que Heródoto estava diretamente a serviço de um imperialismo que devia ajudar os gregos a fazer a guerra. Ao contrário, o que há em Heródoto é essa reflexão sobre os gregos e os bárbaros, sobre a repartição entre os gregos e os bárbaros; essa reflexão sobre o que ele tinha tomado como exemplo privilegiado, os Citas, e as relações entre eles: como perceber as relações entre esses seres longínquos do norte, nômades, e as pessoas que viviam na cidade. Podemos também dizer que temos uma perspectiva política, uma visão política do mundo em Heródoto, política no sentido da *pólis*, e no fundo, uma comparação que já foi proposta: há em Heródoto algo de moderno, alguma coisa de Levi-Strauss na antigüidade (só que Heródoto vai provavelmente durar mais tempo que Levi-Strauss). Há em Heródoto essa vontade de apresentar uma espécie de quadro geral da cultura e da civilização, com um certo número de traços de oposição que permitam organizá-los.

Regina Horta: Na primeira resposta falou-se da influência do estruturalismo na História Antropológica. Há algumas correntes dentro da própria antropologia atual (Marshall Sahlins, por exemplo) e também antropólogos brasileiros que vêm se

interessando pela História e por outra concepção de tempo, de devir, o vir a ser, o movimento. Eu gostaria de saber, já que a Antropologia descobre o tempo, descobre a História, - e na aproximação da História anterior com a Antropologia, Levi-Strauss tinha uma outra concepção de tempo — como podemos pensar uma nova abertura antropológica, de uma Antropologia que se aproximou da História?

François Hartog: Essa visão que você tomou de Marshall Sahlins é absolutamente clara, já que o projeto de Sahlins é justamente o de completar o estruturalismo, mostrando-nos as suas insuficiências e, fazendo estudos sobre a Polinésia, com algumas das histórias do Capitão Cook, mostrar uma espécie de análise micro-histórica, na qual a oposição entre evento e estrutura não era perdoável. Nós temos aí uma abordagem que reintroduz o tempo dos homens na Antropologia, enquanto Levi-Strauss, no fundo, se coloca dentro de uma perspectiva muito mais distante em relação ao objeto. Uma atitude muito mais pessimista.

Regina Horta: Nesse sentido não seria difícil ler Heródoto a partir do estruturalismo?

François Hartog: Eu penso que há elementos da análise estrutural que podem ser utilizados. Podemos tomar episódios de Heródoto e colocá-los em perspectiva e fazer aparecer certo número de oposições pertinentes, uma grade que as ordene, que as estructure. No entanto, fazendo isso a dimensão narrativa é deixada de lado. Essa é a principal crítica à leitura estruturalista da mitologia.

Sonila Morelo: O fato de Heródoto ser um viajante curioso e interessado em compreender os eventos da humanidade resultou em uma obra com grande riqueza de

temas variados, uma obra que é um “caleidoscópio” temático, como afirma K. H. Waters. Como se poderia visualizar essa interdisciplinaridade na História a partir dessa multiplicidade de temas?

François Hartog: É verdade que utilizamos a palavra caleidoscópio para falar da obra de Heródoto, mas certamente, e uma vez mais, ele não se coloca na perspectiva da interdisciplinaridade, porque não há disciplinas. Dito isso, quando o lemos hoje estamos preparados, no fundo, para essa interdisciplinaridade, já que hoje nós temos disciplinas diferentes. No que diz respeito à interdisciplinaridade estamos, com certeza, em momento de recuo. A interdisciplinaridade foi uma espécie de bandeira para alguns durante um certo tempo, mas não foi coisa aceita por todos. Isso correspondeu a um momento de abertura, toda essa problemática dos novos territórios, das novas abordagens, momento que é marcado pela publicação do livro: *Faire de l'histoire: Nouveaux problèmes, Nouvelles approches, Nouveaux objets*, há 25 anos. No fundo, esse livro, que parecia reconhecer esse momento de abertura, em que se recorreu a todo tipo de outras abordagens para enriquecer o questionário do historiador, quando olhado mais de perto, podemos perceber que ele se apresenta também como uma defesa da História contra a Antropologia, que aparecia como uma ciência hegemônica naquele momento. Se a interdisciplinaridade aparece como uma espécie de *pot commun*, de *pot-pourri* de todas essas disciplinas, isso conduz a abordagens muito pouco rigorosas, e em nome da interdisciplinaridade poder-se-ia quase fazer e dizer qualquer coisa. Se, por outro lado, levarmos em conta o fato de que essas disciplinas guardam a sua especificidade e atuam sobre os objetos que elas se dão em comum, então aí temos alguma coisa de interessante e mais rigoroso. Dito isso, a História é, no fundo, necessariamente interdisciplinar. Eu quero dizer com isso que a História sempre apelou

para outras abordagens. O problema é saber em que condições ela se apropria dessas outras abordagens, e se mais uma vez o método histórico se adequa ao que é chamado desde o século XIX de método crítico. O importante é saber como ela se reapropria dos modelos, já que não se pode contentar em importar um modelo e fazê-lo funcionar como se o fato de tê-lo transportado não mudasse nada. Pode-se retrazar a história da História como uma seqüência de apelos à Geografia, em um momento, à Economia em outro, etc. No fundo, foi esse o projeto dos *Annales* nos anos 1930, abrir a História à economia e criar essa disciplina que se chamou durante muito tempo História Econômica e Social. Percebe-se agora, como já foi dito, uma tendência de recuo da História em direção à História contemporânea, à História do tempo presente, e uma retomada do que chamamos de regras do *ofício*. Mas as regras do *métier* são o quê? São pura e simplesmente o que chamamos de método crítico. Mas o método crítico não é suficiente para alimentar um questionário de interrogações sobre o passado.

Sonila Morelo: Segundo Le Goff, "A memória, onde se inscreve a História, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a liberdade e não para a servidão dos homens." Qual é a sua opinião sobre o compromisso social e político do historiador?

François Hartog: O que escreveu Le Goff é quase um *wishfull thinking*, ou seja, seria bom se fosse assim: a memória, a História, tudo vai bem..., e o presente, o passado e o futuro. Parece-me que hoje o presente parece ser a categoria dominante, a categoria pesada da nossa compreensão de nós mesmos, o que no fundo, vai de par com esse presente, um presente que dura muito tempo, sessenta anos ou mais; um presente que também desaparece

cada vez mais depressa, com a rapidez das comunicações, com a velocidade da comunicação em tempo real. Trata-se de um presente cada vez mais impalpável. Nós estamos, ao mesmo tempo, em um presente omnipresente e em uma sociedade que tenta negar o tempo. No fundo, penso que todo fenômeno de memória, essa demanda de memória, essa pesquisa de memória, essa busca pela memória, tudo isso é, ao mesmo tempo, um sintoma dessa situação e uma tentativa de resposta a essa necessidade. Temos no mesmo movimento presente, memória e amnésia. É nesse contexto que o historiador atualmente se encontra. E o futuro é considerado fechado, pelo menos na Europa; talvez aqui também. Fechado, porque não temos mais a perspectiva do futuro que ilumina o presente e o passado. E por consequência, nós abandonamos essa forma de escrita da História que era a grande forma do século XIX e de parte do século XX, uma História escrita do ponto de vista do futuro. Era o futuro que dava a inteligibilidade ao presente e ao passado. E agora será que é possível escrever uma História do presente do ponto de vista do presente, tomando o presente como ponto de vista sobre ele mesmo? Aparentemente é difícil, para não dizer impossível. No fundo, se conservamos essas três categorias — passado, presente e futuro — a questão que me parece importante é a seguinte: podemos restabelecer um tipo de comunicação entre os três termos, sem que exista uma tirania de um dos termos sobre os outros, tirania do presente, tirania do futuro, tirania do passado? É nisso que talvez o historiador possa tentar contribuir.